



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CENTRO DE EDUCAÇÃO
DEPARTAMENTO DE LETRAS E ARTES
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM LETRAS**

IASMINE DE ALMEIDA LIMA

**OS DISCURSOS CONSERVADORES NAS CAPAS DA REVISTA *VEJA* E A
IMPORTÂNCIA DA LINGUAGEM NÃO VERBAL NA CONSTRUÇÃO DOS
SENTIDOS**

**CAMPINA GRANDE, PB
2013**

IASMINE DE ALMEIDA LIMA

**OS DISCURSOS CONSERVADORES NAS CAPAS DA REVISTA *VEJA* E A
IMPORTÂNCIA DA LINGUAGEM NÃO VERBAL NA CONSTRUÇÃO DOS
SENTIDOS**

Trabalho de conclusão de curso apresentado ao Departamento de Letras e Artes da Universidade Estadual da Paraíba, em cumprimento ao requisito para obtenção do Título de Licenciada em Letras, Língua Portuguesa.

Orientadora: Prof^a Ma. Cléa Gurjão Carneiro

CAMPINA GRANDE, PB

O48d

Lima, Iasmine de Almeida.

Os discursos conservadores nas capas da veje e a importância da linguagem não verbal na construção dos sentidos. [manuscrito] / Iasmine de Almeida Lima. – 2013.

36 f.

Digitado.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Letras, com habilitação em Língua Portuguesa) – Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Educação, 2013.

“Orientação: Profa. Ma. Cléa Gurjão Carneiro, Departamento de Letras”.

1. Análise do Discurso 2. Gênero Discursivo
3. Linguagem Verbal 4. Linguagem Não Verbal I. Título

21. ed. CDD 401.41

IASMINE DE ALMEIDA LIMA

**OS DISCURSOS CONSERVADORES NAS CAPAS DA REVISTA VEJA E A
IMPORTÂNCIA DA LINGUAGEM NÃO VERBAL NA CONSTRUÇÃO DOS
SENTIDOS.**

Trabalho de conclusão de curso
apresentado ao Departamento de
Letras e Artes da Universidade
Estadual da Paraíba, em
cumprimento ao requisito para
obtenção do Título de Licenciada
em Letras, Língua Portuguesa.

Aprovada em 04/04/2013.

Cléa Gurjão Carneiro Nota 10,0

Profª Ma. Cléa Gurjão Carneiro / UEPB

Orientadora

Rafael Francisco Braz Nota 10,0

Prof. Esp. Rafael Francisco Braz / UEPB

Examinador

Francisca Eduardo Pinheiro Nota 10,0

Profª Ma. Francisca Eduardo Pinheiro / UEPB

Examinadora

Média 10,0

*A Deus, por nunca desistir de mim e renovar
as minhas esperanças a cada dia, DEDICO.*

AGRADECIMENTOS

Primeiramente, agradeço a Deus, pois sem Ele, certamente, nada disso seria possível. Por todas as vezes, em meio às dificuldades, que cogitei em desistir e Ele me deu forças.

À minha mãe, Catarina Almeida, que mesmo longe nunca deixou de crer em mim e à minha avó materna, Madalena Almeida.

Ao meu querido avô materno, Antônio Jader de Almeida, por todo carinho e boas/ eternas lembranças.

Aos meus amigos, Abisague Cavalcanti e Egberto Vital, pelas conversas, pelas risadas, pelos vinhos, pelas noites em claro, por uma maneira diferente de ver o mundo.

Aos ótimos professores do curso de Letras, dos quais tive o prazer de ser aluna e tenho bastante admiração.

À minha orientadora, Cléa Gurjão, por ter me orientado de maneira tão generosa.

Ao meu noivo, Sidmar Araújo, por tornar meus dias mais felizes, meu mundo melhor.

Aos meus irmãos: Felipe Duarte, Nicolas Almeida, Adonai Almeida, Brenda Almeida e Isabella Lopes.

RESUMO

Os sujeitos que constituem a sociedade se comunicam através da linguagem e fazem uso de inúmeros *gêneros discursivos*, de acordo com suas finalidades sociais e comunicativas. A capa de revista é um desses gêneros e, possivelmente apresenta um grande poder persuasivo sobre seus leitores. O foco desse trabalho está nos possíveis discursos, inclusive conservadores, que podem fazer-se presentes nas capas da revista Veja escolhidas para análise. O objetivo do trabalho, com base na Análise do Discurso de linha francesa, é analisar quatro capas que tratam de assuntos polêmicos, com o intuito de discutir os discursos presentes, assim como a importância da relação entre a linguagem verbal e a não verbal para a construção de sentidos, uma vez que os discursos se materializam através da linguagem. Para tanto, foi realizada uma pesquisa de ordem bibliográfica, fundamentada, inicialmente, nos pressupostos teóricos acerca dos gêneros discursivos, com a contribuição teórica de Bakhtin (2003), Fiorin (2007) e Marcuschi (2008), entre outros, para que se pudesse compreender a capa enquanto um gênero. Com relação à Análise do Discurso (AD), teóricos como Orlandi (2007) e Fernandes (2008) foram consultados. Sob esse contexto, a análise dos dados mostra que os discursos presentes nas capas não são neutros e podem ser considerados conservadores e, que o sujeito discursivo ocupa lugares de acordo com as posições ideológicas a que ele faz parte e defende. A linguagem verbal e a linguagem não verbal se mostram intrínsecas no processo de construção de sentidos, assim como elementos extralinguísticos, que estão no social.

PALAVRAS- CHAVE: Análise do Discurso. Capa de revista. Gêneros discursivos. Linguagem Verbal e não Verbal.

RESUMEN

Los sujetos que constituyen la sociedad se comunican a través del lenguaje y hacen el uso de numerosos géneros discursivos, de acuerdo con sus finalidades sociales y de comunicativas. La capa de la revista es uno de esos géneros, y, posiblemente, tiene un gran poder de persuasión sobre sus lectores. Es posible que el enfoque de este trabajo en los discursos, incluidos los conservadores, que pueden estar presentes en las capas de la revista *Veja* elegido para el análisis. El objetivo de este trabajo, basado en el análisis del discurso de la orientación francesa, es analizar cuatro casos que tienen que ver con temas polémicos, con el fin de discutir el discurso actual, así como la importancia de la relación entre verbal y no verbal para la construcción de los significados, ya que los discursos se materializan a través del lenguaje. Por lo tanto, se realizó una encuesta de la literatura orden, basada inicialmente en supuestos teóricos sobre los géneros, con el aporte teórico de Bakhtin (2003), Fiorin (2007) y Marcuschi (2008), entre otros, para que puedan comprender la capa como género. Con respecto al análisis del discurso (AD), teóricos como Orlandi (2007) y Fernandes (2008) fueron consultados. En este contexto, el análisis de los datos muestra que el discurso de las capas no son neutraleizadas y puede ser considerado conservador y el sujeto discursivo tiene lugar de acuerdo con las posiciones ideológicas que él hacer parte y defiende. El lenguaje verbal y no verbal es el programa intrínseco en la construcción del sentido, así como los elementos extralingüísticos, que son el social.

PALABRAS CLAVES: Análisis del Discurso. Capa de revista. Géneros discursivos. Lenguaje verbal y no verbal.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	10
1. Concepções acerca de gêneros textuais.....	11
2. Breve relato sobre a história da revista no Brasil	14
3. A Revista <i>VEJA</i>.....	15
4. A capa como vitrine.....	16
5. Análise do Discurso: breve panorama.....	17
5.1 A noção de discurso.....	17
5.2 O sujeito discursivo.....	18
5.3 Formação discursiva / ideológica.....	19
5.4 O Interdiscurso.....	20
6. Análise das capas.....	21
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	28
REFERÊNCIAS.....	30
ANEXOS.....	32

INTRODUÇÃO

Os sujeitos constituintes de uma sociedade, diariamente, fazem uso de elementos – ferramentas- que possibilitam relações de comunicação através de ações de linguagem, mediante finalidades sócio-comunicativas que estão vinculadas a ações, atividades humanas. Tais elementos que circulam nas mais diversas esferas sociais em forma de enunciados relativamente estáveis, segundo Bakhtin (2003), são definidos como *gêneros discursivos*. Devido ao seu caráter heterogêneo, não neutro, todo gênero discursivo manifesta intenções por parte do sujeito discursivo. Diante disso, ao pensar a capa de revista enquanto um gênero que a princípio tem como propósito comunicativo atrair, chamar a atenção do leitor, uma vez que é o elemento principal da revista, a chave para que o público adquira-a e que apresenta em sua composição elementos linguísticos verbais e também não verbais, pode-se compreendê-la como um gênero de grande poder enunciativo e, possivelmente, persuasivo.

Nesse sentido, buscou-se, com base na Análise do Discurso de linha francesa (AD), analisar as capas da revista *Veja* das edições (2253, 2277, 2293 e 2335) e os possíveis discursos presentes, com o intuito de discutir a relação indissociável entre a linguagem verbal e a linguagem não verbal, que revelam a intenção temático-discursiva em que se estabelecem discursos não neutros e ideológicos, sob a hipótese de que, como nenhum discurso é neutro em sua composição, mas heterogêneo e polifônico (formado por diferentes vozes), as abordagens realizadas nas capas tomadas como elementos de análise nessa pesquisa, estão carregadas ideologicamente e revelam possíveis posicionamentos conservadores.

O trabalho teve como base a pesquisa de ordem bibliográfica e seu corpus constituiu-se de quatro capas de revista no total, referentes ao ano de 2012 e 2013. As capas da revista *Veja* foram tomadas como objeto de análise pelo fato de a revista ser o semanário de maior circulação nacional e possuir um grande público leitor.

No intuito de comportar essas reflexões acerca dos discursos presentes no gênero discursivo capa de revista, no que se refere à fundamentação teórica e análise, o trabalho foi dividido em seis tópicos: no primeiro, foram feitas considerações, no que tange aos estudos de gêneros discursivos; no segundo, buscou-se discorrer brevemente acerca do surgimento da revista em nosso país; no terceiro, o intuito foi de ressaltar algumas informações, principalmente históricas, sobre a revista *Veja*, desde o seu surgimento; no quarto, são evidenciadas algumas características da capa de revista que permitem considerá-la como o elemento principal da revista; O quinto tópico, que está subdividido em quatro subtópicos, trata

sobre a teoria utilizada como base para a análise das capas, a Análise do Discurso francesa (AD); e, no último tópico, objetivou-se analisar, com base na teoria citada anteriormente, as capas escolhidas. Os demais tópicos tratam-se da introdução, das considerações finais, referências e anexos.

1. Concepções acerca de gêneros textuais

De acordo com o pensamento Fiorin (2006), sabe-se que o estudo dos gêneros não é recente. Desde a Grécia Antiga, o ocidente opera com a noção de gêneros textuais e agrupa os textos de acordo com suas características e propriedades em comuns. Contudo, os gêneros eram vistos sob uma perspectiva que privilegiava suas propriedades formais e considerava-os formas fixas e imutáveis, o que contribuiu para lhes acrescentar um caráter normativo. Com base em Marcuschi (2008), a observação acerca dos gêneros textuais inicia-se com Platão para firmar-se com Aristóteles e, o termo *gênero* era ligado, especialmente, aos gêneros literários. (visão essa que perpassou até às primícias do século XX).

Atualmente, o estudo dos gêneros está em grande ascensão, porém em perspectivas diferentes da aristotélica. Teorias mais recentes mostram que a classificação antiga realmente não dá conta das diferentes práticas sociais da fala e da escrita, uma vez que não se pode tratar o *gênero* independentemente de sua realidade social e de sua relação com as atividades humanas. Bakhtin (2003), filósofo da linguagem, em sua obra “Estética da criação verbal”, inova e dá força aos estudos sobre os *gêneros*, ao levar em consideração o caráter social da linguagem e apresentar uma proposta que se opunha à categorização tradicional.

Fiorin (2006), nessa mesma linha de pensamento, ao teorizar sobre os gêneros no capítulo intitulado de *gêneros do discurso*, Mikhail Bakhtin, parte do ponto de vista que considera a relação intrínseca entre linguagem e sociedade, tendo em vista que as atividades humanas estão relacionadas ao uso da língua, que se efetiva através de enunciados únicos que emanam dos integrantes das diversas esferas de atividade humana. Sua teoria prioriza o processo de produção e não produto. Ele não cataloga os gêneros e nem descreve cada estrutura composicional (forma de organização do dito), estilo (meios linguísticos que operam para dizer) e conteúdo temático (aquilo que é dizível), uma vez que os gêneros são inesgotáveis e infinitos. Para o autor, a importância maior é a compreensão da construção do enunciado, como se dá a “estabilização” dos gêneros:

A riqueza e a variedade dos gêneros do discurso são infinitas, pois a variedade virtual da atividade humana é inesgotável, e cada esfera dessa atividade comporta um repertório de gêneros que vai diferenciando-se e ampliando-se à medida que a própria esfera se desenvolve e fica mais complexa. (BAKHTIN, 1997:279 *apud* FIORIN, 2006: 60).

Bakhtin (2003) considera os gêneros como tipos de enunciados relativamente estáveis, que se caracterizam por uma construção composicional, um conteúdo e um estilo, e que estabelecem uma interconexão da linguagem com a vida social. Em outras palavras, as diversas atividades humanas implicam na utilização da linguagem em forma de enunciados, que por sua vez, não são produzidos fora dessas ações humanas. Tais ações ocasionam o aparecimento de certos tipos de enunciados (sejam orais ou escritos, literários ou não) de acordo com suas condições específicas e finalidades sócio-comunicativas. Dessa forma, tipos estáveis de gêneros (enunciados) são elaborados, os quais devido ao vínculo com o domínio da atividade humana estarão sempre sujeitos a mudanças.

Muitos pesquisadores da atualidade adotaram a noção de gênero defendida por Bakhtin. Contudo, ainda com base em Fiorin (2006), a obra bakhtiniana é de tamanha complexidade que, se lida à maneira de cada corrente de pensamento contemporâneo, pode sofrer alguns questionamentos, pois cada um se serve dela para seus próprios propósitos. Bakhtin pode ser considerado, por exemplo, linguista, teórico da literatura, marxista, interacionista, filósofo da linguagem, entre outros.

No Brasil, afirma o autor, depois do estabelecimento do ensino de Português com base nos gêneros textuais por parte dos PCNs (Parâmetros Curriculares Nacionais), o discurso pedagógico apropriou-se do conceito de *gêneros do discurso* de Bakhtin e, desde então, vários livros didáticos passaram a explorar o assunto. Entretanto, alguns autores ainda veem o gênero como um conjunto de propriedades formais a que o texto deve obediência. Desta feita, sob a aparência de um ensino revolucionário, o gênero inclui-se, muitas vezes, em uma perspectiva normativa, como um produto, apesar de as teorias recentes mostrarem que a análise dos gêneros engloba questões de natureza sociocultural do uso da língua e, portanto é passível de variações.

No olhar crítico de Marcuschi (2008), os *gêneros* são caracterizados como textos materializados em situações comunicativas, os quais se encontram presentes diariamente em nossas vidas e apresentam padrões sócio-comunicativos característicos e definidos por

composições funcionais, objetivos enunciativos e estilos concretamente realizados na integração de forças sócio-históricas e técnico-institucionais. Em sua visão, a vivência cultural humana está sempre abarcada pela linguagem e os “gêneros são formas estabilizadoras” dessas vivências, nas quais se encontram todos os textos produzidos pelos indivíduos. Em outras palavras, os gêneros são formas textuais escritas ou orais bastante estáveis, que se situam sócio- historicamente. Marcuschi (2002), atenta para o fato de os gêneros serem de difícil definição e enfatiza que sua contemplação deve ser feita através da observação de seus usos e condicionamentos sócio-pragmáticos, considerando-os como práticas sócio-discursivas, uma vez que são inúmeros em diversidade de estrutura e que as denominações atribuídas nem sempre são unívocas; da maneira como surgem, estão sujeitos a desaparecer. Apesar de citar alguns exemplos de gêneros textuais (telefonema, bilhete, aula expositiva, resenha, entre outros), Marcuschi (2008) deixa bem claro que, por serem tão dinâmicos e de complexidade variável não é possível contá-los todos. Tal caráter sócio-histórico e variacional que compõe o *gênero* dificulta bastante possíveis classificações que, aliás, não são mais prioridades para os estudiosos de gêneros que se detêm, atualmente, em explicar como eles se constituem e circulam na sociedade.

Azeredo (2007) conceitua os gêneros como formas relativamente estáveis pelas quais a comunicação verbal se materializa nas diferentes práticas sociais. Para o autor, os gêneros são indispensáveis para a comunicação verbal. É impossível não se comunicar verbalmente através de um texto. Todas as manifestações verbais só são possíveis através dos gêneros que estão presentes em várias instâncias sociais, como por exemplo, no ambiente de trabalho através de um e-mail, bilhete ou relatório; na universidade, através de artigos científicos, debates, discussões, seminários, resenhas, projetos, resumos; na mídia, por meio de entrevistas televisivas, radiofônicas, comentários; nos jornais e revistas que lemos diariamente, com as notícias, reportagens, capas de revista, editoriais, entre outros. Eles se diferenciam não apenas por apresentarem estruturas distintas, mas também por apresentarem objetivos sociocomunicativos distintos.

Para Bazerman (2007: 21) “a definição de gêneros como apenas um conjunto de traços textuais ignora o papel dos indivíduos no uso e na construção dos sentidos”. Nesse caso, deve-se levar em consideração que a recepção de um mesmo gênero por diferentes interlocutores ocorrerá de forma diversificada e irá depender da intencionalidade de quem o produz.

Dentre os vários gêneros existentes nas distintas esferas sociais, encontra-se a capa de revista, que possui elementos essenciais que permitem considerá-la um gênero, uma vez que, com base na teoria de Bakhtin (2003), gêneros são tipos de enunciados relativamente estáveis que refletem as condições específicas e as finalidades de cada referido campo e possuem elementos - o conteúdo temático (aquilo que é dizível), o estilo (meios linguísticos que operam para dizer) e a construção composicional (forma de organização do dito)- que estão ligados ao todo do enunciado de maneira indissolúvel. Marcuschi (2008) classifica ou, pelo menos, tenta fazer uma distribuição não definitiva de alguns gêneros, de acordo com a modalidade da língua a que fazem parte e aos domínios discursivos aos quais estão inseridos. Com relação à capa de revista, o autor a considera como um gênero pertencente ao domínio discursivo jornalístico de modalidade escrita.

2. Breve relato da história da revista no Brasil

Com base em Scalzo (2006, p.27), a história da revista em nosso país, assim como da imprensa, está interligada a aspectos econômicos e industriais e políticos, como em qualquer outro lugar do mundo. No Brasil, a chegada da revista ocorreu no início do século XIX, juntamente com a corte portuguesa e imprensa. A revista tinha como objetivo propagar os fatos e acontecimentos daquela época. Posteriormente, após este fato marcante, que foi a chegada da imprensa, várias revistas passaram a delinear o mercado editorial do país. Cada uma com intuítos, interesses, particulares e voltadas a um público específico.

Sob o respaldo dos estudos de Scalzo (2006), a primeira revista surge em 1812, intitulada de “*As variedades ou Ensaios de Literatura*”, em Salvador- BA, com o intuito de publicar discursos sobre costumes e virtudes morais e sociais. Em seguida, na cidade do Rio de Janeiro, em 1813, surge a segunda revista publicada no Brasil: *O patriota*, a qual contava com a colaboração de indivíduos constituintes da elite intelectual do período e propunha-se a divulgar autores e temas da terra, como o próprio nome sugere. Após a década de 1820, com a ampliação dos interesses e foco da elite brasileira, os bacharéis em Direito passam a ganhar espaço nas publicações. Fato esse, que acarreta no surgimento, em 1822, dos Anais Fluminenses de Ciências, Artes e Literatura, que abarcavam vários campos do conhecimento humano.

As primeiras segmentações por tema, como *O propagador das ciências médicas e Espelho diamantino*, só ocorrem a partir de 1827 e são dedicadas a um público bastante

diversificado. Contudo, tais publicações sofrem com a escassez de recursos e assinantes. O que faz com que tenham uma vida curta.

Em 1837, uma mudança no que tange às revistas brasileiras ocorre. Baseada nos moldes europeus vigentes no séc. XIX é lançada a *Museu Universal*. Com publicações munidas de ilustrações e destinadas à classe recém-alfabetizada da sociedade, tinha como objetivo oferecer cultura e entretenimento para essa parcela da população. Consequentemente, posteriormente, surgem as mais variadas revistas, que passam a incluir amenidades e imagens, com o intuito de se conseguir mais leitores/seguidores para poder se manter no mercado.

3. A Revista *VEJA*

De acordo Alberto Dines (1997), citado por Villata (2002), após a experiência da editora *Abril* em trabalhar semanalmente com grandes triagens, a exemplo da revista *Realidade*, surgida na década de 1960, a qual tinha como intuito debater problemas sobre política, família, sexo, preconceitos e tabus, um novo projeto surge: *A Veja*; uma revista semanal ilustrada, cuja capacidade pudesse concorrer com a *Manchete*.

A experiência com a publicação de *Realidade* possibilitou a construção de um acervo extenso, que, juntamente com recursos técnicos modernos, serviria como base para a construção de um novo semanário de informações, baseado nos moldes da revista Norteamericana *Look*. Em outras palavras, a experiência positiva com *Realidade*, caracterizada pela publicação de reportagens autênticas e a segurança de um parque gráfico competente, incentivaram na aposta de criação da revista *Veja*.

Ao citar Damante (1993), Villata (2002) acrescenta que o processo de formação da revista foi intitulado de *Projeto Falcão*, que lançou vários pilotos de publicação como teste, para poder chegar ao modelo almejado e foi iniciado em 1959, após a consolidação da Editora *Abril* com um complexo gráfico moderno e potente. A ideia inicial foi de Roberto Civita, filho fundador do grupo *Abril* aqui no Brasil: Victor Civita. Mino Carta, a convite deste, também se junta ao projeto como diretor.

Com base em informações contidas na “*história secreta da Veja*” (revista imprensa, 1988), Villata (2002), afirma que a primeira publicação da *Veja* ocorreu em 11 de setembro, de 1968. A capa apresentava o nome *Veja* e, acima, em letras bem menores: *leia*. Com a chamada: “O Grande Duelo no Mundo Comunista”, a capa também trazia uma linguagem não

verbal: os símbolos do comunismo, a foice e o martelo, sobre um fundo vermelho. A principal matéria apresentava uma correlação bastante forte com a capa, tinha o título de “*Rebelião na Galáxia Vermelha*” e tratava da invasão da Tchecoslováquia pelo Pacto de Varsóvia, que ocorreu em agosto do mesmo ano.

Ainda segundo o autor, a versão brasileira do modelo *importado* dos EUA, contudo, decepcionou os anunciantes e a classe jornalística, devido às sucessivas quedas em suas triagens. A reação do público consumidor ao produto também não foi boa, uma vez que a *Veja* trazia uma proposta diferente para os padrões brasileiros daquela época (economia e política internacional, a exemplo das revistas *Manchete* e *Visão*); interessava-se por temas e assuntos diversos. A consolidação da revista demorou alguns anos para ocorrer. Apenas a partir de 1976 é que ela consegue se estabilizar, de fato, e fazer parte do hábito de leitura de muitos brasileiros até o presente.

Atualmente, a revista trata sobre temas do cotidiano, assim como política, tecnologia, religião, esporte, entretenimento, economia, cultura, entre outros, relacionados não apenas à sociedade brasileira, mas ao mundo todo. Possui algumas seções fixas sobre cinema, literatura, música e outras variedades e, a elaboração de seus textos, geralmente, é feita por jornalistas, porém, nem todas as seções são assinadas.

4. A capa como vitrine

Dentre os vários gêneros textuais que compõem a revista, a capa é o primeiro contato entre o leitor e esse suporte. É o elemento principal e indispensável- a vitrine- para convidar o público a adentrar/ler os demais gêneros presentes na revista. De acordo com Scalzo (2006), a capa é produzida com o intuito de venda, pois, ela é a chave para chamar a atenção do leitor para que o público adquira a revista. Em outras palavras, a capa é um elemento editorial que tem como um de seus objetivos, definir a compra de um produto e, portanto, ela deve ser elaborada de maneira resumida e irresistivelmente sedutora para que o leitor sintá-se atraído. Uma boa chamada, assim como a utilização de imagens poderá prender a atenção do leitor, atenta Scalzo (2006). Dessa maneira, a capa também colabora para o sucesso editorial de uma revista.

A utilização da linguagem verbal juntamente com a não verbal, assim como o tamanho das letras, cores variadas e escolhas lexicais são elementos que podem ajudar a captar a

atenção do leitor, de modo a convencê-lo sobre a compra da revista. Além disso, tais elementos podem demonstrar também, opiniões, tomadas de posições por parte do enunciador acerca de determinados assuntos, uma vez que a capa de revista enquanto gênero textual constitui-se de discursos, que, de acordo com a Análise do Discurso não são neutros, como afirma Fernandes (2007).

5. ANÁLISE DO DISCURSO: breve panorama

5.1 A noção de discurso

Com base em Fernandes (2007), para se falar em *discurso*, inicialmente, é necessário deixar de lado a perspectiva do senso comum, que geralmente associa essa palavra ao pronunciamento político, construído a partir de recursos estilísticos rebuscados. *Discurso* é o objeto de análise do qual se ocupa a Análise do Discurso (AD) - disciplina de caráter transdisciplinar que tem sua constituição na linguística e que decorre do cruzamento de diferentes campos do saber, a exemplo da História e também da Psicanálise.

O *discurso*, na perspectiva da AD, não seria a fala, o texto ou a língua, mas algo exterior a esta, pois, encontra-se no social e não envolve apenas questões de natureza estritamente linguística, mas também aspectos ideológicos, além dos sociais, impregnados nas palavras, que por sua vez não possuem neutralidade. Dessa maneira, como o discurso encontra-se na exterioridade, no social, é necessário ir além de estruturas linguísticas para se chegar a ele: “É preciso sair do especificamente linguístico, dirigir-se a outros espaços para procurar descobrir, descortinar o que está entre a língua e a fala” (FERNANDES, 2007: 23). Orlandi (2007) atenta que a Análise do discurso não trata necessariamente da língua ou da gramática, mas do discurso. Segundo a autora, a palavra *discurso* carrega consigo a ideia de movimento, de percurso e permite observar o homem falando, a sua capacidade de significar e significar-se.

A análise do Discurso não trabalha com a língua enquanto um sistema abstrato, mas com a língua no mundo, com maneiras de significar, com homens falando, considerando a produção de sentidos enquanto parte das suas vidas, seja enquanto sujeito seja enquanto membros de uma determinada forma de sociedade. (ORLANDI, 2007: 15)

Para Orlandi (2007), é através do discurso que o indivíduo produz a realidade com a qual ele está em relação. Dessa maneira, os discursos estão presentes entre os falantes e trazem consigo, cotidianamente, traços sociais e ideológicos inerentes à sua formação e realização material através da linguagem.

Por ser exterior à língua, por encontrar-se no social, os discursos são não fixos, como afirma Fernandes (2007), estão sempre em movimento, sofrendo modificações, acompanhando transformações políticas e sociais que integram a sociedade. Os sentidos, possivelmente revelados em um discurso, são produzidos conforme os lugares ocupados pelos sujeitos discursivos. Lugares estes que não se definem como locais físicos, mas sim socioideológicos. Uma palavra, por exemplo, pode apresentar diferentes sentidos, a depender desse “lugar” ocupado pelo sujeito discursivo, uma vez que ela não é neutra; está impregnada de aspectos sociais e ideológicos. Com isso, pode-se afirmar, ainda de acordo com Fernandes (2007), que o discurso é heterogêneo em sua composição, uma vez que nele se faz presente diferentes vozes, oriundas de diferentes espaços sociais e diferentes discursos, constitutivos do sujeito.

O discurso, então, com base nos autores citados acima pode ser definido como o efeito de sentido ou prática de produção de sentidos, situados sócio-histórico e ideologicamente, construídos no processo de interlocução, que se materializa através da linguagem. Analisar o discurso, portanto, não seria observar o significado da palavra apenas, mas interpretar o que é dito pelos sujeitos, considerando a produção de sentidos como parte constituinte de suas atividades sociais.

5.2 O sujeito discursivo

Para se compreender a noção de sujeito discursivo é necessário, primeiramente, considerá-lo enquanto um sujeito diferente do empírico, pois se trata de um ser social, apreendido em um espaço coletivo, não fundamentado em uma “individualidade” e que tem existência em um espaço social e ideológico, como afirma Fernandes (2007). Ainda com base no autor, na perspectiva da AD, a noção de sujeito discursivo deixa de ser idealista, uma vez que o sujeito da linguagem não é um sujeito enquanto um ser humano individualizado, com existência particular, mas tal como existe socialmente, apreendido coletivamente, polifônico e heterogêneo. Sua voz expressa um conjunto de outras vozes, revela o lugar social no qual o

sujeito inscreve-se. Em outras palavras, diferentemente da perspectiva linguística de forma geral, em que o sujeito empírico ocupa o lugar de falante e apresenta a capacidade de aprender e tornar-se usuário da língua, na perspectiva da Análise do Discurso, esse sujeito refere-se a um sujeito inserido em uma conjuntura social, histórica e ideológica.

O sujeito não é homogêneo, seu discurso constitui-se do entrecruzamento de diferentes discursos, de discursos em oposição que se negam e se contradizem. Ao considerarmos um sujeito discursivo, acerca de um mesmo tema, encontramos em sua voz diferentes vozes, oriundas de diferentes discursos. À presença dessas diferentes vozes integrantes da voz de um sujeito, na Análise do discurso, denomina-se **polifonia** (FERNANDES, 2007:36).

Orlandi (2007) assevera que enquanto um sujeito atravessado pela linguagem e pela história, o sujeito discursivo é determinado, precisa submeter-se à língua e à história para poder se constituir, falar e produzir sentidos. Isso se dá pelo fato de esse sujeito ser materialmente dividido desde a sua constituição, pois, “ele é sujeito de é sujeito à” (ORLANDI, 2007: 49). Assim, como sujeito discursivo ele é assujeitado às condições de produção, revestido de uma ideologia que é responsável pela a constituição dele no discurso.

5.3 Formação discursiva e ideológica

De acordo com Orlandi (2007), a noção de formação discursiva na análise do discurso possibilita a compreensão do processo de produção de sentidos, assim como sua relação com a ideologia. Segundo a autora, o sentido não existe em si, uma vez que as palavras podem adquirir significados distintos segundo as posições em que são empregadas. Não é simplesmente no dizer em si que os sentidos podem ser compreendidos, pois, esses são determinados de acordo com as posições ideológicas defendidas pelos sujeitos, com as formações ideológicas a que esses sujeitos fazem parte, ou seja, os sentidos sempre são determinados ideologicamente. A formação discursiva revela formações ideológicas que a integram e pode ser vista como configurações específicas dos discursos em suas relações, assevera Orlandi (2007):

A formação discursiva se define como aquilo que numa formação ideológica dada-ou seja, a partir de uma posição dada em uma conjuntura sócio-histórica dada-determina o que pode e deve ser dito. (ORLANDI, 2007: 43)

Fernandes (2007) refere-se à formação discursiva como o que pode ser dito apenas em determinado espaço e época social, àquilo que tem sua realização a partir de condições de produção específicas, definidas historicamente; os objetos, conceitos, tipos de enunciação e temas submetem-se a regras de formação que retratam as condições de existência em uma determinada formação discursiva marcada historicamente. Para o autor, uma formação discursiva é caracterizada pela existência de um agrupamento semelhante de objetos e enunciados que o descrevem. Cada objeto do discurso apresenta, na formação discursiva, seu lugar e regra de aparição.

No caso em que se puder descrever, entre um certo número de enunciados, semelhante sistema de dispersão, e no caso em que se puder definir uma regularidade (uma ordem, correlações, posições e funcionamentos, transformações), diremos, por convenção, que se trata de uma formação discursiva. (FOUCULT, 1995:43 *apud* FERNANDES, 2007: 57).

Contudo, é preciso entender que as formações discursivas não são homogêneas. Ainda segundo o autor, elas não se limitam a apenas uma época, pois em sua constituição encontram-se elementos que tiveram, em outros momentos históricos, existência em espaços sociais distintos, mas que, sob novas condições de produção, diante de um novo contexto histórico, se fazem presentes e possibilitam outros efeitos de sentido. Desse modo, pode-se concluir que as formações discursivas, como afirma Orlandi (2007: 44), “são constituídas pela contradição, são heterogêneas nelas mesmas e suas fronteiras são fluídas, configurando-se e reconfigurando-se continuamente em suas relações”.

5.4 O Interdiscurso e a memória discursiva

Com base em Fernandes (2007), o sujeito tem a ilusão de que é o dono seu dizer, de que pode controlar os sentidos do que fala, contudo, ele desconhece que a exterioridade encontra-se em seu interior e que o seu discurso está no *outro*, compreendido enquanto o social que constitui o sujeito. O interdiscurso seria o entrecruzamento de diferentes discursos e vozes, originários de diferentes lugares sociais e momentos históricos, em uma formação discursiva dada. Orlandi (2007) ressalta que a memória é considerada um elemento importante nas condições de produção do discurso, pois o que é dito antes, em outro lugar e de maneira independente, sustenta e torna possível todo o dizer sob o já-dito.

é a memória discursiva que torna possível a toda formação discursiva fazer circular formulações anteriores, já enunciadas. É ela que permite, na rede de formulações que constitui o intradiscurso de uma formação discursiva, o aparecimento, a rejeição ou transformação de enunciados pertencentes às formações discursivas historicamente contíguas. Não se trata, portanto, de uma memória psicológica, mas uma memória que supõe o enunciado inscrito na história. (BRANDÃO, 2004: 95).

O interdiscurso, assim, é compreendido pela noção de memória discursiva, que por sua vez não deve ser compreendida como a memória individual. A memória discursiva, de acordo com Fernandes (2007), é constituída sócio-histórico e culturalmente. É uma memória coletiva na qual os sujeitos estão inseridos; acontecimentos exteriores e anteriores ao texto, refletindo materialidades que intervêm em sua construção, ou seja, um espaço de memória como condição do funcionamento discursivo, se refere à estruturação do discurso através de certa memória social, coletiva. É através da memória que os sentidos são construídos; retoma-se aquilo que já foi dito, de maneira inconsciente, discursos são reformulados e re-significados para compor uma nova formação discursiva, acrescenta Maingueneau (1997).

O dizer não é propriedade particular. As palavras não são só nossas. Elas significam pela história e pela língua. O que é dito em outro lugar também significa nas “nossas” palavras. O sujeito diz, pensa que sabe o que diz, mas não tem acesso ou controle sobre o modo pelo qual os sentidos se constituem nele. (ORLANDI, 2007: 32)

A autora acrescenta que o interdiscurso seria a representação do *eixo da constituição* do sentido, em que todos os dizeres que já ditos e esquecidos em uma estratificação de enunciados se relacionam com aquilo se diz em determinado momento dado, em condições dadas- *o eixo da formulação* ou intradiscurso. Dessa maneira, a formulação é determinada pela constituição, dado que só se pode dizer (formular) ao se colocar na perspectiva do dizível, ou seja, da memória, do interdiscurso. Em outras palavras, o interdiscurso compõe-se de um conjunto de formulações já feitas que determinam o que está sendo dito. “Para que minhas palavras tenham sentido é preciso que elas já façam sentido” (ORLANDI, 2007: 33).

6. Análise das Capas

Capa 1 (anexo A)

A edição de número 2293 da revista Veja, datada de 31/10/2012, aborda um assunto bastante polêmico e discutido na atualidade: a maconha. Muito se tem falado sobre a droga e

a população brasileira se divide acerca de sua legalização, ou seja, o uso de maneira regulamentada. Parte da sociedade é totalmente contrária ao uso e legalização da droga, enquanto outra parte, composta principalmente por usuários, defendem-na, sob o argumento de possível forma de combate ao tráfico e ao crime, reduzindo-os, através da produção e distribuição mediante regras e cobrança de impostos. Vários países, a exemplo de Argentina, Holanda e Espanha já legalizaram a maconha, além de outros que permitem seu uso para fins medicinais.

Com base na teoria acerca da análise do Discurso, pode-se observar que, ao se materializar na linguagem, que por sua vez faz uso de determinados elementos lexicais, o discurso/ discursos revelam formações ideológicas, posições ocupadas pelo sujeito discursivo. Na capa em análise, observa-se que o posicionamento do sujeito discursivo revela uma concepção ideológica, social e cultural de como a maconha é considerada por parte da sociedade. Primeiramente, a maneira como aparece a palavra “maconha”, em letras grandes e na cor vermelha, chama bastante atenção, pois tanto a cor como o tamanho das letras são maneiras de ressaltar a palavra, de colocá-la em evidência sobre as demais. Inconscientemente, a memória discursiva desse sujeito, traz à tona discursos que já foram ditos em outros momentos históricos e em outros lugares sociais, para compor uma nova formação discursiva e, seu uso nesse contexto, da maneira como foi colocada, implica um possível discurso de negatização acerca do uso da maconha, uma vez que a palavra está impregnada, carregada socialmente de sentidos que relacionam-a de maneira negativa à droga que produz efeito alucenógeno, que por sua vez, é relacionada ao tráfico e à bandidagem. “Maconha” é o nome popular, vulgarizado da *Cannabis* – planta bastante antiga de origem asiática e cultivada em várias partes do mundo, que possui em sua composição a substância química THC, que é a responsável pelos efeitos alucinógenos causados no organismo. Outros discursos acerca da maconha, já ditos anteriormente, fazem-se presentes (interdiscurso) no discurso desse sujeito que, revela um possível ponto de vista, fundamentando-se com esses outros discursos que estão no não-dito, mas que são relevantes para essa situação significativa e compreensíveis quando a exterioridade discursiva é levada em consideração.

A linguagem não verbal presente na capa relaciona-se com a linguagem verbal para revelar possíveis significados, visto que a significação não é fechada, dada, e sim ideológica, construída num processo de interlocução. No final da capa há a imagem da planta *Cannabis*, contudo, ela não apresenta tanto destaque quanto a palavra *maconha*, uma vez que o foco é

evidenciá-la enquanto uma droga. O enunciado no centro da capa “ As novas descobertas da medicina cortam o barato de quem achava que ela não fazia mal” , revelam um discurso contrário ao uso da maconha, mostrando-a como algo nocivo, prejudicial, à saúde, de maneira inversa ao que os consumidores acreditam e defendem.

No enunciado ainda é perceptível a polissemia, ou seja, o deslocamento, a ruptura dos processos de significação, no que tange à palavra “barato” que em seu sentido habitual significa “preço módico ou baixo” , mas que também pode, adquirir outros sentidos, a depender do enunciado do qual está fazendo parte, do discurso que está constituindo. Nesse caso, a palavra “ barato”, é utilizada com o intuito de se referir a algo supostamente “bom” e “ prazeroso” - o uso da maconha sob a ideia de que ela possibilita apenas coisas boas aos seus usuários. Contudo, essa ideia estaria sendo confrontada por novas descobertas, ou seja, a expressão “ cortam o barato” significa “poem fim, acabam com algo” e, nesse sentido, confronta, rompe, com a noção de inofensividade da maconha. Portanto, um discurso conservador em relação ao uso da maconha é perceptível na capa, uma vez que o sujeito se posiciona de maneira contrária à droga.

O nome *Veja*, no início da capa, em letras consideravelmente grandes, além de ser o próprio nome da revista, também pode ser visto como um verbo no modo imperativo, expelindo uma ordem ao leitor, para que ele dirija sua atenção para o conteúdo presente naquele gênero discursivo. Isso é perceptível em todas as edições da revista *Veja*.

Capa 2 (anexo B)

A capa da edição de número 2277, de 11 de julho de 2012, da revista *Veja*, traz em sua composição a imagem de uma adolescente consumindo bebida alcoólica. Entretanto, a forma como essa imagem é exibida, revela um discurso de proteção à identidade e à imagem da criança e do adolescente, uma vez que apenas a sobra é apresentada. De acordo com o Art. 247 da lei 8069, presente no Estatuto da Criança e do Adolescente- ECA, não se pode divulgar sem autorização legal, nomes, atos, documentos, fotografias que possibilitem a identificação de crianças e jovens com menos de 18 anos envolvidos num ato infracional, buscando a preservação dessas pessoas que “encontram-se em condição peculiar de desenvolvimento”. Contudo, essas mesmas crianças e adolescentes protegidas pela lei, cometem infrações, a exemplo do consumo de bebidas alcoólicas.

O álcool é uma das drogas mais consumidas no mundo e, culturalmente, no Brasil, o seu consumo ocorre com bastante naturalidade, principalmente pelos jovens. Apesar de a lei proibir a venda de bebida alcóolicas para menores de 18 anos, eles não encontram muita dificuldade para ter acesso a elas. Primeiramente, alguns estabelecimentos não cumprem a lei e, em muitos casos, os próprios pais não impoem regras mais severas e até permitem que os filhos consumam álcool “contanto que seja dentro de casa”.

Na capa da revista, o álcool é evidenciado como algo proibido para menores de 18 anos e, isso pode ser percebido, não apenas pelo o que está dito de forma direta na capa, mas também pelo que está presente nas entrelinhas e na relação da linguagem verbal juntamente com a linguagem não verbal. No centro da capa, sobre a imagem da sombra da adolescente consumindo bebida alcoólica, há uma faixa vermelha com o seguinte enunciado: “ Proibido mas ninguém liga”, em que apenas a palavra proibido é de cor preta, assim como a sombra da pessoa. Acima dessa faixa há a expressão : “menor + álcool”. Esse discurso de proibição é intensificado através dessa faixa vermelha, uma vez que, ela indica proibição. Isso pode ser percebido de maneira semelhante, em placas , como por exemplo, “ proibido fumar”, “ proibido fazer barulho”, “ proibida a utilização de aparelho celular” ou em placas de trânsito, em que essa faixa vermelha indica, sobre uma imagem de cor preta, a proibição de determinada atitude por parte motorista, como a placa de “ proibido estacionar”- composta pela imagem da letra “E” na cor preta, cortada por uma listra vermelha.

Por outro lado, ao mesmo tempo em que esse discurso conservador, contrário a essa prática por parte dos adolescentes menores de idade, se faz presente na capa, uma informação na parte inferior , um dado, que foi revelado por uma pesquisa realizada nas capitais, deixa transparecer que apesar de a bebida alcoólica mostrar-se como algo negativo, ela não é considerada droga : “ Beber ainda jovem aumenta em 70% o risco de dependencia de drogas”. A maneira como o enunciado foi organizado mostra que , se a utilização do álcool quando jovem aumenta o risco , contribui, para que um indivíduo se torne dependente de drogas, o álcool não está incluído nessa relação de drogas. Isso, possivelmente, ocorre porque o uso do álcool está banalizado e, como se trata de uma droga lícita, ou seja, produzida, comercializada e consumida sem problema algum, não possui uma carga preconceituosa tão intensa quanto a que permeia outros tipos de drogas não lícitas . Mesmo causando danos ao organismo do ser humano, posto que , em sua composição há substâncias nocivas, é comum ouvir pessoas dizerem que não usam drogas , mas apenas bebidas alcóolicas.

Com isso, pode-se perceber que, nesse mesmo tema acerca do uso de álcool por menores de 18 anos, há a presença de diferentes vozes que integram a voz do sujeito discursivo. Outros discursos, construídos socio-histórico e ideologicamente se fazem presentes no discurso do sujeito, que por ser heterogêneo, segundo Fernandes(2007) tem seu discurso composto pelo entrecruzamento de diferentes discursos, que se negam e se contradizem.

Capa 3 (anexo C)

No dia 21 de agosto de 2013, a revista *Veja* levou às bancas uma capa que reflete, de certa maneira, a realidade atual do nosso país. Desde junho, manifestações começaram a ocorrer por todo o Brasil, por parte da população que se encontra insatisfeita com a classe política e com todos os problemas que assolam o país. Tudo se iniciou com uma manifestação histórica do povo contra o reajuste na passagem de ônibus do transporte público, entretanto, sabe-se que essa luta apresenta outras justificativas; as pessoas estão saindo às ruas por melhores condições de vida em áreas, como a da saúde, educação, moradia, transporte, e também contra a corrupção que se faz presente de maneira tão impune no Brasil.

A capa não fala diretamente sobre as manifestações e a insatisfação da população, mas apresenta em sua composição elementos que permitem fazer essa relação. A imagem de uma mulher com o rosto coberto por uma blusa que representa a bandeira do estado da Paraíba e com uma máscara de gás sobre o pescoço, com uma das mãos levantadas para cima, além do título: “O bando dos caras tapadas” e o enunciado interrogativo logo abaixo: “Quem são os manifestantes do BLACK BLOC, que saem às ruas para quebrar tudo” possibilitam tal conclusão. A partir do que é dito, dos discursos que são materializados através da linguagem (verbal e não verbal), o não dito revela o que está subentendido. Em outras palavras, o posto (dito) traz consigo necessariamente esse pressuposto, ou seja, o que não foi dito, mas, está presente.

Devido ao atual ciclo de protestos, o Black Bloc se destacou no cenário nacional, porém, as definições sobre o que ele seria, de fato, não estão claras. Alguns o consideram um grupo internacional anticapitalista, que vem ganhando força pelo mundo, e que apresenta um comportamento agressivo, que se mostra na destruição de estabelecimentos comerciais e também do patrimônio público, com intuito de chamar a atenção para uma causa; já outros,

inclusive participantes, definem-no não como um grupo, mas como uma estratégia de manifestação, em que indivíduos mascarados e vestidos de preto questionam o sistema vigente.

Na capa da *Veja*, pode-se observar um discurso de contrariedade a esse grupo ou estratégia de tática, pois, ao perguntar de maneira indireta “Quem são os manifestantes do BLACK BLOC, que saem às ruas para quebrar tudo”, compreende-se, na forma como o enunciado foi organizado, que esses indivíduos não apresentam nenhum motivo para praticar tais atos, que são vândalos que não apresentam nenhuma justificativa plausível para tais atos. Um posicionamento de não aprovação é supostamente revelado, uma vez que, com base na AD, os discursos não são neutros, muito menos o discurso jornalístico, que apesar de erroneamente ainda ser visto sob uma perspectiva que o considera transparente e imparcial, também revela posicionamentos e ideologias.

Em letras maiores que as outras, a expressão “O bando dos caras tapadas”, pode apresentar mais de uma significação, já que “tapadas”, nesse caso, possui um caráter polissêmico; tanto pode estar se referindo a pessoas com o rosto encoberto, uma característica dos Black Bloc, como pode ser um adjetivo pejorativo, para fazer menção a pessoas “burras”, “alienadas”. O que reforça ainda mais esse posicionamento de negatização, por parte do sujeito discursivo. Outro apontamento importante é que, dentre vários manifestantes ou constituintes de tal movimento, a fotografia de uma moça que está com o rosto coberto por uma camisa que representa a bandeira do estado da Paraíba, nas cores vermelho e preto, além do nome NEGÓ, foi escolhida para compor a capa. Ideologicamente, o estado da Paraíba, enquanto constituinte da região nordeste do país, é visto de maneira preconceituosa por uma parcela de pessoas que residem, principalmente, na região sul do país. A própria palavra “Paraíba” constantemente é utilizada para se referir e menosprezar, não apenas aos moradores de seu estado, mas a qualquer nordestino. Elementos que estão além do linguístico, que se encontram no social e na história, são necessários para compor tais discursos, compreendidos como a produção de sentidos ou a prática de produção de sentidos, situados sócio- histórico e ideologicamente, que se dá num processo de interlocução.

Capa 4 (anexo B)

A imagem de uma mulher semi-nua, vestida apenas com um biquíni minúsculo, compõe a capa da revista *Veja* do dia 25 de janeiro de 2012. A erotização do corpo da mulher pode ser percebida através do vestuário reduzido que compõe a imagem e também da posição em que a mulher se encontra. De costas, a mulher é mostrada de maneira sugestiva, insinuando uma possível disponibilidade sexual. Sobre uma parte inferior do corpo dessa mulher, há uma tarja preta, que é bastante utilizada pela imprensa para, “censurar”, cobrir partes do corpo que não podem ou não devem ser mostradas. Essa tarja preta, de certa maneira, possibilita a interpretação de um discurso contrário a exposição do corpo feminino de forma erotizada, ou seja, a linguagem não verbal presente na capa pode demonstrar uma posição assumida pelo sujeito discursivo. Na tarja, está escrito o seguinte: “ *Passou dos limites? A reação a uma cena tórrida de sexo no BBB mostra que, felizmente, nem tudo é permitido, mesmo quando tanto se anuncia o fim da privacidade*”. O BBB é um programa de reality show e programas de tal seguimento, costumeiramente, mostram pessoas semi-nuas e exploram a imagem dos corpos dos participantes em busca de audiência. Os espectadores, por sua vez, têm seus “desejos” atendidos, uma vez que esses programas se propõem a mostrar aquilo que grande parte das pessoas quer ver.

O enunciado citado anteriormente e que está presente na capa se refere a um escândalo, um possível caso de estupro, ocorrido na décima segunda edição do *Big Brother Brasil*, o BBB, em que um dos participantes, após uma festa, é mostrado, através da internet, numa cena em que fazia movimentos característicos de um ato sexual com a parceira imóvel, desacordada. Essa cena causou inúmeros protestos nas redes sociais. Muito se especulou sobre o ocorrido e pessoas que se mostraram contrárias, manifestaram sua indignação através de postagens. A reação ocorrida, não apenas por parte das pessoas, mas também por parte das autoridades policiais (o fato chegou até a polícia e o participante foi expulso do programa) é vista de maneira positiva, uma vez que o advérbio de intensidade “felizmente” é usado para se referir a ela. Dependendo das escolhas lexicais que o sujeito discursivo faz, ele revela sua posição ideológica. Ao utilizar a palavra “felizmente” e não outra, ele mostra-se contrário ao ato de suposto estupro e favorável às reações negativas, manifestadas pela população que acompanha ao programa. Ao fazer a pergunta: “Passou dos limites?”, questionamentos podem ser levantados sobre a forma como o sexo vem sendo abordado pela mídia e, nesse caso, pelo BBB, visto que mais adiante é afirmado que “nem tudo está perdido, mesmo quando se anuncia o fim da privacidade”. A privacidade é uma questão polêmica pelo o fato de ser difícil definir onde termina a privacidade de cada indivíduo.

Atualmente muito se comenta sobre “invasão de privacidade” ,contudo, nesse contexto, as pessoas que se propõem a participar de um reality show têm plena consciência de que suas vidas serão totalmente reveladas e mostradas 24 horas para o publico interessado. A palavra “privacidade”, nesse caso, tanto pode ter sido utilizada para se referir a algo individual, que diz respeito apenas ao indivíduo, como sua imagem e informações acerca de si, por exemplo, como pode fazer menção ao próprio corpo da mulher , aos limites estabelecidos ou não do domínio próprio corpo. Desse modo, um discurso de conservadorismo e preservação da privacidade e do corpo da mulher podem ser observados na voz do sujeito.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

No decorrer da elaboração desse trabalho, buscou-se, ao levar em consideração a capa de revista enquanto um *gênero discursivo* que se faz presente no cotidiano de inúmeras pessoas, de acordo com as teorias abordadas sobre o assunto, analisar quatro capas da revista *Veja*, com o intuito de discutir, analisar, os possíveis discursos presentes nessas capas. Dessa maneira, foi possível verificar que a capa de revista, por tratar-se de um gênero jornalístico que abrange um grande público, pode sim, de maneira persuasiva, influenciar no posicionamento de seus leitores, acerca de determinados assuntos. Ao se dizer algo de uma determinada maneira e não de outra, estratégias discursivas são elaboradas por um sujeito que é apreendido em um espaço social e ideológico, em um dado momento da história e não em outro. O discurso jornalístico, assim como qualquer outro discurso, está carregado de aspectos ideológicos, além dos sócio-históricos e revelam posicionamentos por parte dos sujeitos discursivos. Além disso, devido a sua característica heterogênea, um discurso sempre dialoga com outros, traz em sua composição a presença de outros discursos já ditos.

As capas analisadas tratavam de assuntos considerados polêmicos em nossa sociedade e, a maneira como essas capas foram compostas, as escolhas lexicais, as imagens presentes, a maneira como os discursos foram materializados através da linguagem, o não dito- presente nas entrelinhas-, demonstra que, realmente não há neutralidade nessas formações discursivas. O sujeito se coloca em um determinado lugar, que não é um lugar físico, mas sim social, e defende, assume, posições ideológicas, a que ele faz parte.

Ao analisar as capas das edições escolhidas da revista *Veja*, sob a hipótese de que possíveis discursos conservadores acerca dos temas abordados faziam-se presentes, foi constatado que, de fato, ao tratar de assuntos como a legalização maconha, o uso de álcool por menores de 18 anos, o comportamento do grupo BLACK BLOC em meio às manifestações que estão ocorrendo no Brasil, a erotização do corpo da mulher no reality show- BBB e o possível fim da privacidade, esses sujeitos discursivos, posicionam-se de maneira conservadora, considerando como *conservador*, posições político-filosófico e ideológicas alinhadas a certo tradicionalismo ou contrárias a práticas que se distanciam de valores que se tinha como base, como por exemplo, a legalização da *maconha*, droga que já foi até chamada de “a erva maldita” e atualmente adquire ares de inofensividade.

No que a tange a relação intrínseca entre a linguagem verbal e a linguagem não verbal nas capas de revista, foi possível perceber que essa relação se faz presente de maneira que uma complementa a outra e possibilita que sentidos sejam construídos juntamente com outros elementos que estão além do que é linguístico.

As análises e inferências realizadas são passíveis de discussão e outras possíveis leituras não são descartadas. Afinal, a produção de sentido/os depende de inúmeros aspectos e, um deles é que essa construção de sentidos se dá num processo de interlocução. Dessa maneira, cada pessoa tem a possibilidade de realizar diferentes leituras e interpretações acerca de um determinado assunto.

REFERÊNCIAS

AZEREDO, José Carlos de. **Ensino de português: fundamentos, percursos, objetos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2007.

BAKHTIN, Mikail. Gêneros do discurso. In: **Estética da criação verbal**. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

BAZERMAN, Charles. **Gêneros textuais: tipificação e interação**. São Paulo: Cortez, 2005.

BRANDÃO, Helena H. Nagamine. **Introdução à análise do discurso**. 2. ed. Campinas, SP: Editora UNICAMP, 2004.

FERNADES, Cleudemar Alves. **Análise do discurso: reflexões introdutórias**. 2. ed. São Carlos: Claraluz, 2007.

FIORIN, José Luiz. **Introdução ao pensamento de Bakhtin**. São Paulo: Ática, 2006.

MAINGUENEAU, Dominique. **Novas tendências em análise do discurso**. 3. ed. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 1997.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. **Produção textual, análise de gêneros e compreensão**. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

_____. Gêneros textuais: definições e funcionalidade. In: **Gêneros textuais & ensino**. DIONÍSIO, Ângela Paiva; MACHADO, Anna Rachel; BEZERRA, Maria Auxiliadora. (orgs.). Rio de Janeiro: Lucerna, 2002, p. 19-36.

MARTINS, Gilberto de Andrade; THEÓPHILO, Carlos R. **Metodologia da investigação científica para ciências sociais aplicadas**. São Paulo: Atlas, 2007.

ORLANDI, Eni P. **Análise de discurso: princípios e procedimentos**. 7. ed. Campinas, SP: Pontes, 2007.

Revista Veja, edição 2293, ano 45 , nº 44. Editora Abril, 31 de outubro

_____, edição 2277, ano 45, nº 28 . Editora Abril, 11 de julho de 2012.

_____, edição nº 2253, ano 45, nº 4 . Editora Abril, 21 de agosto de 2012.

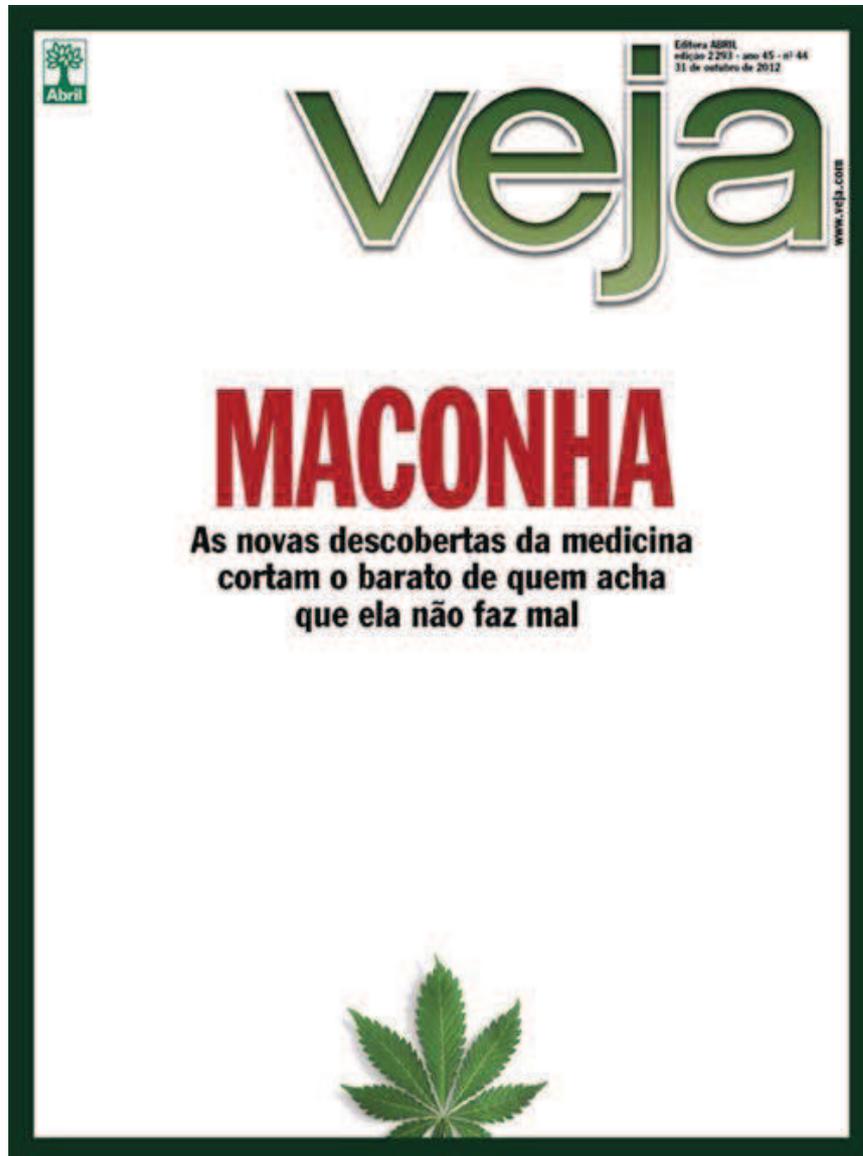
_____, edição nº 2335, ano 46, nº 34. Editora Abril, 21 de julho de 2013.

SCALZO, Marília. **Jornalismo de revista**. 3. Ed. São Paulo: Contexto, 2006.

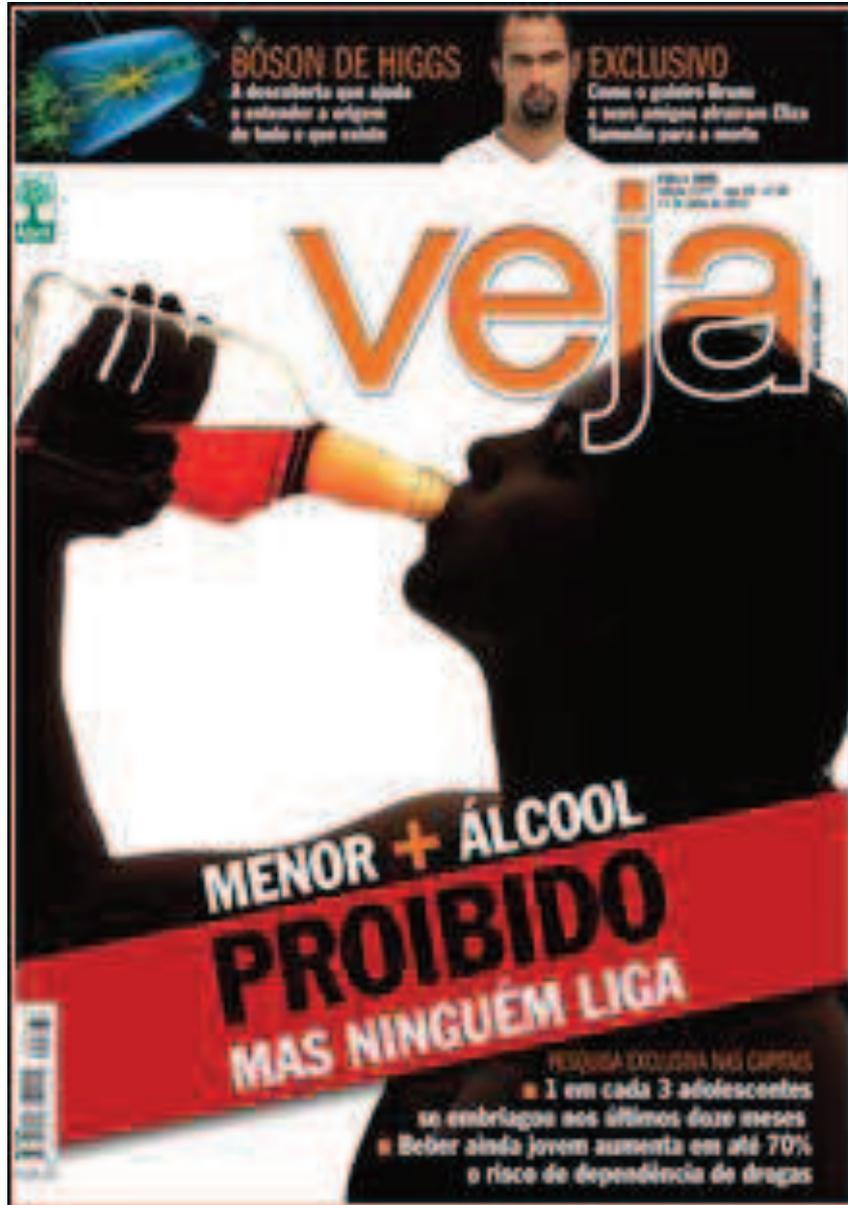
VILLATA, Daniela. O surgimento da revista Veja no contexto da modernização brasileira. In: **XXV Congresso Anual em Ciência da Comunicação**. Salvador, BA: Núcleo de Pesquisa de Jornalismo, outubro de 2002. Disponível em: <
<http://www.portcom.intercom.org.br/pdfs/300ea43da98da19f6977caba6d17d8cd.pdf> > Acesso em: 08 de junho de 2013.

ANEXOS

Anexo A- Edição 2293 -31/10/2012



Anexo B- Edição 2277- 11/07/2012



Anexo C- Edição 2335- 21/08/13



Anexo D- Edição 2253- 25/01/2012

